

USO NÃO PRESCRITO DE LISDEXANFETAMINA ENTRE ESTUDANTES DE MEDICINA: DESEMPENHO ACADÊMICO, RISCOS À SAÚDE E IMPLICAÇÕES ÉTICAS

NON-PRESCRIBED USE OF LISDEXAMFETAMINE AMONG MEDICAL STUDENTS: ACADEMIC PERFORMANCE, HEALTH RISKS, AND ETHICAL IMPLICATIONS

USO PRESCRITO DE LISDEXAMFETAMINE ENTRE ESTUDANTES DE MEDICINA: RENDIMIENTO ACADÉMICO, RIESGOS PARA LA SALUD E IMPLICACIONES ÉTICAS

Warlen Miiller Rocha Araújo¹

Cristiane Baretta Monteiro²

Bruna Letícia Buzati Pereira³

Silvana Regina Perez Orrico⁴

RESUMO: Esta pesquisa investigou o uso não prescrito do dimesilato de lisdexanfetamina entre estudantes de Medicina, com ênfase nas motivações que impulsionam seu consumo, nos riscos à saúde decorrentes da automedicação e nas implicações éticas que envolvem a prática. Trata-se de uma revisão integrativa da literatura desenvolvida segundo o modelo PRISMA 2020, abrangendo estudos publicados entre 2020 e 2025 nas bases SciELO, PubMed, BVS, LILACS, Google Scholar e DOAJ. Após aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados 22 estudos que compuseram o corpus da pesquisa. A análise evidenciou prevalência elevada de uso entre estudantes de Medicina, variando de 25% a 47%, com motivações centradas no aumento da concentração, resistência ao cansaço e desempenho em provas. Os efeitos adversos mais relatados foram insônia, taquicardia, ansiedade e dependência psicológica. Observou-se ainda a naturalização do uso entre pares, ausência de campanhas preventivas e omissão institucional. A prática de automedicação com substância controlada por futuros profissionais da saúde contradiz os princípios éticos da formação médica e revela falhas na promoção do cuidado discente. Conclui-se que o fenômeno está diretamente relacionado à cultura acadêmica de hiperprodutividade e à falta de suporte psicopedagógico adequado. O estudo recomenda ações institucionais voltadas à saúde mental dos estudantes, estratégias de sensibilização ética e revisão das exigências acadêmicas, com o objetivo de promover um ambiente formativo mais humanizado e responsável.

Palavras-chave: Lisdexanfetamina. Estudantes de Medicina. Automedicação.

¹Graduando em Medicina, Centro de Pesquisa Avançada em Medicina da União das Faculdades dos Grandes Lagos (CEPAM - UNILAGO).

²Graduanda em Medicina, Centro de Pesquisa Avançada em Medicina da União das Faculdades dos Grandes Lagos (CEPAM - UNILAGO).

³Doutora em Fisiopatologia em Clínica Médica, Centro de Pesquisa Avançada em Medicina da União das Faculdades dos Grandes Lagos (CEPAM - UNILAGO).

⁴Doutora em Ciências Odontológicas, Centro de Pesquisa Avançada em Medicina da União das Faculdades dos Grandes Lagos (CEPAM - UNILAGO).

ABSTRACT: This study investigated the non-prescribed use of lisdexamfetamine dimesylate among medical students, focusing on the motivations driving its consumption, the health risks associated with self-medication, and the ethical implications of the practice. It is an integrative literature review conducted according to the PRISMA 2020 model, covering studies published between 2020 and 2025 in the SciELO, PubMed, BVS, LILACS, Google Scholar, and DOAJ databases. After applying inclusion and exclusion criteria, 22 studies were selected to form the research corpus. The analysis revealed a high prevalence of use among medical students—ranging from 25% to 47%—driven by motivations such as increased concentration, resistance to fatigue, and improved exam performance. The most frequently reported adverse effects were insomnia, tachycardia, anxiety, and psychological dependence. The study also noted the normalization of use among peers, a lack of preventive campaigns, and institutional inaction. The practice of self-medicating with a controlled substance by future health professionals contradicts the ethical principles of medical training and reveals shortcomings in student well-being support. The study concludes that this phenomenon is directly linked to an academic culture of hyper-productivity and a lack of adequate psycho-educational support. It recommends institutional actions focused on student mental health, ethical awareness strategies, and a review of academic demands, aiming to foster a more humanized and responsible educational environment.

Keywords: Lisdexamfetamine. Medical students. Self-medication.

RESUMEN: Esta investigación analizó el uso no prescrito de dimesilato de lisdexanfetamina entre estudiantes de medicina, haciendo hincapié en las motivaciones que impulsan su consumo, los riesgos para la salud derivados de la automedicación y las implicaciones éticas de dicha práctica. Se trata de una revisión integradora de la literatura realizada siguiendo el modelo PRISMA 2020, que abarca estudios publicados entre 2020 y 2025 en las bases de datos SciELO, PubMed, BVS, LILACS, Google Scholar y DOAJ. Tras aplicar los criterios de inclusión y exclusión, se seleccionaron 22 estudios para conformar el corpus de la investigación. El análisis reveló una elevada prevalencia de consumo entre los estudiantes de medicina, oscilando entre el 25 % y el 47 %, con motivaciones centradas en mejorar la concentración, aumentar la resistencia a la fatiga y optimizar el rendimiento en los exámenes. Los efectos adversos notificados con mayor frecuencia fueron insomnio, taquicardia, ansiedad y dependencia psicológica. Asimismo, se observó la normalización del consumo entre compañeros, la ausencia de campañas preventivas y la omisión institucional. La práctica de la automedicación con sustancias controladas por parte de futuros profesionales de la salud contraviene los principios éticos de la formación médica y evidencia deficiencias en la promoción del bienestar estudiantil. Se concluye que este fenómeno está directamente relacionado con la cultura académica de hiperproductividad y la falta de un apoyo psicopedagógico adecuado. El estudio recomienda implementar acciones institucionales centradas en la salud mental de los estudiantes, estrategias de concienciación ética y una revisión de las exigencias académicas, con el fin de fomentar un entorno de aprendizaje más humanizado y responsable.

Palabras clave: Lisdexanfetamina. Estudiantes de medicina. Automedicación.

INTRODUÇÃO

O aumento expressivo do uso não prescrito de psicoestimulantes entre estudantes universitários da área da saúde, especialmente de Medicina, configura um fenômeno preocupante, tanto do ponto de vista ético quanto de saúde pública. Entre as substâncias mais utilizadas, destaca-se o dimesilato de lisdexanfetamina, um fármaco originalmente desenvolvido para o tratamento do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), mas que tem sido amplamente desviado de sua indicação clínica para fins de aumento do desempenho acadêmico. A medicalização da vida universitária e a crescente cultura de alta performance contribuem para esse cenário, levando à banalização do uso de medicamentos controlados como instrumentos de sobrevivência curricular em cursos altamente exigentes, como é o caso da Medicina.

O dimesilato de lisdexanfetamina, conhecido comercialmente como Venvanse®, é um profármaco da dextroanfetamina, indicado clinicamente para o tratamento do TDAH e, em alguns casos, do transtorno da compulsão alimentar periódica. Seu mecanismo de ação baseia-se na liberação gradual de dopamina e norepinefrina, promovendo melhora na atenção, concentração e controle impulsivo em pacientes com diagnóstico formal (Maciel *et al.*, 2023). Entretanto, estudos recentes revelam uma crescente utilização da substância por indivíduos sem indicação médica, particularmente entre estudantes de cursos superiores de Medicina, que buscam em seus efeitos uma forma de potencializar a cognição, a produtividade e a resistência ao cansaço (Teodoro *et al.*, 2023).

Dados epidemiológicos confirmam essa tendência. Uma pesquisa realizada (Megiani *et al.*, 2023) com 304 universitários revelou que 33,9% deles já fizeram uso de psicoestimulantes sem prescrição, sendo 90,2% estudantes de Medicina. Essa porcentagem é reforçada por Bernardi *et al.* (Bernardi *et al.*, 2025), que identificaram o uso da lisdexanfetamina como um recurso estratégico para lidar com a sobrecarga acadêmica. A concentração de casos em cursos da área da saúde, especialmente em Medicina, não é aleatória: trata-se de um contexto no qual a performance intelectual é fortemente demandada, e a carga horária, extremamente extenuante.

Essa prática, entretanto, não ocorre de forma isolada. A medicalização do cotidiano estudantil insere-se em uma lógica meritocrática e produtivista que predispõe ao uso de fármacos como instrumentos de “autossuperação” (Cerqueira *et al.*, 2021). O problema

ultrapassa o mero acesso e consumo, envolvendo também o silenciamento institucional, a permissividade entre pares e a insuficiência de políticas preventivas efetivas no âmbito universitário.

REVISÃO DE LITERATURA

Lisdexanfetamina: Indicações e Mecanismos de Ação

O dimesilato de lisdexanfetamina é um pró-fármaco da dextroanfetamina, classificado como um psicoestimulante de ação prolongada, indicado clinicamente para o tratamento do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) em crianças, adolescentes e adultos. Sua conversão ocorre após metabolismo enzimático no sangue, o que proporciona um efeito mais estável e menos suscetível a abusos em comparação com estimulantes de ação imediata (Maciel *et al.*, 2023). A substância atua no sistema nervoso central aumentando a disponibilidade de dopamina e noradrenalina nas sinapses, melhorando a atenção sustentada, a memória operacional e o controle da impulsividade.

Além da sua eficácia no TDAH, o fármaco também foi aprovado em alguns países para o tratamento do transtorno da compulsão alimentar periódica. No entanto, seus efeitos colaterais incluem taquicardia, insônia, perda de apetite, boca seca, ansiedade e, em casos de uso prolongado ou abuso, risco de dependência e episódios psicóticos (Maciel *et al.*, 2023). Mesmo com esses riscos, sua liberação em apresentações com diferentes dosagens e sua crescente prescrição em contextos clínicos vêm facilitando o acesso não autorizado, especialmente em meios universitários (Cerqueira *et al.*, 2021).

A ação farmacológica da lisdexanfetamina, aliada à sua reputação de “modulador do desempenho cognitivo”, vem sendo mal interpretada como sinônimo de vantagem acadêmica, o que contribui para sua utilização fora das diretrizes médicas. Nesse sentido, seu uso extrapola o campo terapêutico, sendo desviado para fins de autossuperação e prolongamento artificial da produtividade, especialmente entre estudantes de Medicina (Teodoro *et al.*, 2023).

Uso Não Médico de Psicoestimulantes em Universitários

O uso não prescrito de psicoestimulantes como a lisdexanfetamina vem crescendo de forma preocupante entre universitários, particularmente em cursos de alta competitividade como Medicina. Segundo Megiani *et al.* (2023), 33,9% dos 304 estudantes entrevistados relataram já ter usado substâncias como lisdexanfetamina e metilfenidato sem prescrição médica. Destes,

90,2% pertenciam ao curso de Medicina, indicando uma prevalência significativamente maior nessa população específica.

Esse padrão de uso está associado a períodos de maior carga acadêmica, como provas e prazos de entrega de trabalhos, em que os estudantes relatam a necessidade de manter-se acordados por longos períodos e melhorar o foco e a memória. Frazão e Rodríguez (2024) identificaram que entre os usuários, os principais fatores de iniciação incluem relatos de benefícios obtidos por colegas, facilidade de aquisição (inclusive por prescrições cruzadas entre estudantes) e a ausência de campanhas informativas nas instituições.

Luiz *et al.* (2025), em revisão sistemática, apontaram que o uso de estimulantes sem indicação médica não se restringe ao contexto nacional, sendo observado em diversas regiões da América Latina, Europa e América do Norte. Os autores reforçam que essa prática se insere em uma cultura de medicalização do rendimento acadêmico, na qual o corpo e a mente são instrumentalizados como “máquinas de produtividade”.

Mesmo diante de alertas clínicos sobre os riscos dessas substâncias, há uma banalização do consumo entre os estudantes, muitas vezes justificado por uma suposta “normalidade” do uso em meio aos pares. Bernardi *et al.* (2025) observam que muitos estudantes sequer reconhecem a prática como abuso ou transgressão, e sim como um “recurso” para sobrevivência acadêmica diante das exigências curriculares dos cursos da área médica.

Efeitos Adversos e Riscos à Saúde

O uso não-médico da lisdexanfetamina apresenta riscos físicos e psíquicos que são frequentemente ignorados pelos estudantes usuários. Entre os efeitos adversos mais relatados estão taquicardia, sudorese, insônia, ansiedade, perda de apetite, cefaleia, irritabilidade e depressão de rebote após o término da ação da substância (Rousso *et al.*, 2024). Em alguns casos, seu uso contínuo sem acompanhamento médico pode culminar em episódios de paranoia, agitação psicomotora e dependência psicológica (De Azevedo *et al.*, 2023).

Além dos riscos diretos, estudos têm demonstrado impacto negativo na saúde mental dos usuários. Os estudantes que fazem uso recorrente de estimulantes apresentam índices mais elevados de ansiedade, distúrbios do sono e ideação depressiva (Roque *et al.*, 2023). Esses efeitos contradizem a ideia de que o medicamento melhora indefinidamente o desempenho, mostrando que o uso prolongado tende a comprometer a estabilidade emocional e o rendimento cognitivo no médio prazo.

Outro aspecto negligenciado é a relação entre uso de lisdexanfetamina e desregulação do ciclo circadiano. Recentemente, um estudo identificou alterações significativas no padrão de sono de estudantes de Medicina usuários da substância, o que, além de prejudicar a consolidação da memória, potencializa o estresse oxidativo e reduz a capacidade de recuperação neural. Em suma, o uso do fármaco, quando desvinculado do acompanhamento profissional, compromete a integridade biopsicossocial do estudante, gerando um ciclo de dependência, exaustão e piora do desempenho; justamente o oposto do efeito desejado (Moreira *et al.*, 2022).

Questões Éticas e Legais Envolvidas

O uso não prescrito de psicoestimulantes como a lisdexanfetamina por estudantes de Medicina levanta questões éticas profundas que envolvem desde a integridade pessoal até a formação de futuros profissionais da saúde. Primeiramente, trata-se de uma prática que desrespeita os princípios da prescrição médica racional, pois envolve o consumo de substância controlada sem diagnóstico clínico ou supervisão profissional. Tal conduta contraria normas éticas e sanitárias estabelecidas por órgãos como o Conselho Federal de Medicina (CFM) e a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA).

Para além da ilegalidade técnica, esse comportamento compromete a moralidade acadêmica. Hoje, há uma dissonância ética grave entre o conhecimento adquirido sobre farmacologia e saúde mental e a prática do consumo indevido. A racionalização desse uso como “ato de sobrevivência acadêmica” constitui uma forma de autolegitimação da transgressão, que desvaloriza os princípios de equidade e responsabilidade profissional (De Oliveira Araújo; Dos Santos, 2024).

Do ponto de vista da justiça acadêmica, o uso de substâncias para melhorar o desempenho representa uma vantagem competitiva desleal em relação a colegas que se absterem de qualquer substância artificial. Essa assimetria caracteriza um tipo de “doping cognitivo”, comparável às práticas proibidas em contextos esportivos (Rodrigues; De Sousa; Dias, 2025). Além disso, quando estudantes de Medicina utilizam ou compartilham medicamentos sem prescrição, muitas vezes obtidos por vias irregulares ou prescritos por colegas, há violação direta do código de ética médica ainda durante a formação universitária (Cerqueira *et al.*, 2021).

Em termos legais, o uso de substâncias como a lisdexanfetamina sem prescrição médica caracteriza infração sanitária e pode configurar crime, conforme a Lei nº 11.343/2006 (Lei de Drogas), especialmente se houver envolvimento com aquisição ilegal ou compartilhamento.

Contudo, o problema é frequentemente invisibilizado dentro das universidades, tanto pela ausência de mecanismos de controle quanto pela convivência silenciosa de colegas e professores. Isso revela uma lacuna institucional grave, que impede a formação de uma consciência ética sólida entre os futuros profissionais da saúde.

Pressão Acadêmica e Cultura de Desempenho no Ensino Médico

A cultura de hiperprodutividade, competitividade e ideal de excelência irrestrita é uma marca estrutural dos cursos de Medicina, tanto em instituições públicas quanto privadas. Esse ambiente de alto desempenho é caracterizado por jornadas extenuantes, avaliações de elevada exigência, carga emocional intensa e cobranças internas e externas contínuas. Nesse cenário, o uso de substâncias estimulantes passa a ser interpretado por muitos como um recurso necessário para acompanhar o ritmo imposto pela formação médica.

Hoje, existe a percepção de que o curso exige “sacrifícios” cognitivos e emocionais extremos leva estudantes a desenvolverem estratégias de automedicação, entre elas o uso de lisdexanfetamina para ampliar a capacidade de atenção e suportar longos períodos de estudo. Esse comportamento é reforçado por narrativas de sucesso vinculadas à alta performance e pelo silêncio institucional quanto ao bem-estar mental dos discentes (Justino *et al.*, 2024).

7

Luiz *et al.* (2025) demonstraram, em revisão sistemática, que o ambiente universitário da área da saúde está diretamente associado à intensificação do uso de substâncias psicoativas. A presença de provas cumulativas, atividades práticas hospitalares e pressão por estágios, monitorias e iniciações científicas cria um ciclo contínuo de exigências que excedem os limites físicos e mentais de muitos estudantes. O uso de psicoestimulantes, assim, torna-se uma prática adaptativa, ainda que potencialmente danosa, em resposta a um sistema formativo que ignora os impactos psicossociais da sua própria estrutura.

Mais do que uma decisão individual, o uso indevido de lisdexanfetamina revela uma lógica institucional de negligência com a saúde mental discente. A ausência de políticas ativas de acolhimento psicológico e de campanhas preventivas dentro das faculdades de Medicina contribui para o enraizamento dessa prática (Bernardi *et al.*, 2025). Os alunos não encontram alternativas viáveis para lidar com o estresse, o que favorece a automedicação e a dependência de estímulos farmacológicos.

Essa cultura de desempenho, ao mesmo tempo em que impõe metas inatingíveis, oferece pouco espaço para a vulnerabilidade e a gestão emocional, aspectos fundamentais para a

construção de uma prática médica ética e empática. Ao ignorar esses aspectos, a formação médica contemporânea perpetua um ciclo de exaustão, medicalização e invisibilidade emocional que afeta não apenas os estudantes, mas também a qualidade do cuidado que esses futuros profissionais oferecerão à sociedade.

Justificativa

A relevância deste estudo residuiu na necessidade urgente de compreender, com base científica e ético-social, os fatores que levaram estudantes de Medicina a recorrer ao uso não prescrito de psicoestimulantes. A escolha da lisdexanfetamina como objeto central justificou-se pelo crescimento do consumo entre universitários brasileiros, com evidências de incremento acentuado na procura por esse fármaco entre estudantes da área da saúde, conforme apontado em estudo recente (Frazão; Rodriguez; Vieira, 2024).

Esse fenômeno transcende o âmbito individual, atingindo dimensões éticas e institucionais. O uso não médico de substâncias controladas constitui uma forma de automedicação com potencial de dependência química, afetando a saúde física, psíquica e emocional dos estudantes (Rousso *et al.*, 2024). Além disso, configura uma forma de “doping acadêmico”, criando desigualdade de condições entre alunos que utilizam e os que se recusam a recorrer a tais métodos artificiais.

8

A análise também se justifica pelo paradoxo ético inerente à prática: estudantes de Medicina, futuros profissionais responsáveis por promover a saúde e o uso racional de medicamentos, tornam-se usuários indevidos de substâncias cuja prescrição deveria seguir critérios rigorosos de diagnóstico. Isso compromete não apenas sua formação pessoal e técnica, mas também a credibilidade de suas futuras condutas profissionais (De Oliveira Araújo & Dos Santos, 2024).

Há evidências de que o uso não prescrito dessas substâncias compromete o bem-estar global dos estudantes, relacionando-se à piora da qualidade do sono e a desfechos emocionais adversos, como ansiedade e irritabilidade, com repercussões diretas sobre o rendimento acadêmico (De Azevedo *et al.*, 2023). Esse quadro demanda que as instituições formadoras em saúde atuem para além da transmissão de conteúdos técnicos, incorporando ações consistentes de promoção de saúde mental e de ética profissional.

Diante desse panorama, definiu-se o objeto de pesquisa nos seguintes termos: identificar as motivações, os riscos e as consequências do uso indiscriminado de dimesilato de

lisdexanfetamina entre estudantes de Medicina, examinando de que modo esse comportamento impacta a saúde, a ética e o desempenho acadêmico. A questão orientadora conduziu a investigação a compreender elementos subjetivos (crenças e pressões) e objetivos (efeitos fisiológicos e acadêmicos) implicados nesse uso.

Essa questão será abordada por meio de uma metodologia científica adequada à complexidade do fenômeno, com base em instrumentos validados e fontes atualizadas, conforme recomendado por Gil (2008) no que tange à estruturação de pesquisas aplicadas às ciências humanas e da saúde. O estudo pretende, assim, contribuir não apenas para a compreensão do problema, mas também para a formulação de estratégias de enfrentamento e prevenção no âmbito acadêmico e institucional.

Objetivos

Objetivo Geral

Investigar, com base em evidências científicas e análise crítica, o uso não prescrito do dimesilato de lisdexanfetamina entre estudantes do curso de Medicina, examinando suas motivações, riscos à saúde, repercussões acadêmicas e implicações éticas, a fim de compreender as dinâmicas individuais e institucionais que favorecem tal prática.

Objetivos Específicos

1. Identificar os fatores motivacionais predominantes que impulsionam estudantes de Medicina ao uso não terapêutico do dimesilato de lisdexanfetamina, considerando tanto elementos subjetivos (como pressão por desempenho e ansiedade acadêmica) quanto influências socioculturais (como normalização do uso entre pares e medicalização em meio a rotina universitária).
2. Descrever e analisar os principais efeitos colaterais físicos e psíquicos relatados em estudos empíricos relacionados ao uso indevido da substância, incluindo sua correlação com distúrbios do sono, sintomas ansiosos, alterações do apetite e riscos de dependência, conforme evidenciado na literatura especializada.
3. Compreender a percepção dos próprios estudantes sobre a utilização da lisdexanfetamina como estratégia de rendimento, avaliando se há reconhecimento dos riscos envolvidos, negação das consequências ou racionalização ética do uso, com base em estudos

qualitativos que abordam o discurso dos usuários.

4. Analisar criticamente as implicações éticas, jurídicas e profissionais do uso não prescrito de um medicamento de controle especial por indivíduos em formação médica, enfocando o conflito entre conhecimento biomédico e prática pessoal, bem como as falhas institucionais em abordar o tema de forma preventiva.

5. Propor recomendações acadêmicas e institucionais voltadas à prevenção do uso indevido de psicoestimulantes no ambiente universitário, considerando medidas de apoio à saúde mental, revisão de práticas pedagógicas e políticas de promoção do uso racional de medicamentos entre futuros profissionais da saúde.

MÉTODOS

Tipo de Pesquisa

Este estudo caracteriza-se como uma revisão integrativa da literatura, com o objetivo de reunir, sintetizar e analisar criticamente os achados disponíveis em pesquisas científicas sobre o uso não prescrito do dimesilato de lisdexanfetamina entre estudantes de Medicina. A revisão integrativa é uma abordagem metodológica amplamente reconhecida nas ciências da saúde, pois permite a inclusão de diferentes tipos de estudos e amplia o entendimento sobre um fenômeno complexo ao integrar achados quantitativos e qualitativos (Gil, 2008).

Para garantir o rigor, a presente revisão foi conduzida com base no protocolo PRISMA 2020 (Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses), o qual fornece diretrizes estruturadas para a identificação, seleção e síntese de estudos relevantes, promovendo transparência e reprodutibilidade do processo.

Estratégia de Busca

A coleta de estudos foi realizada entre fevereiro e dezembro de 2024 nas bases SciELO, PubMed, LILACS/BVS, Google Scholar e DOAJ. Utilizaram-se descritores controlados e não controlados combinados por operadores booleanos. A sintaxe base foi padronizada conforme o idioma das bases:

Português:

(lisdexanfetamina OR dimesilato de lisdexanfetamina) AND (uso não prescrito OR uso não médico OR uso indevido) AND (estudantes de medicina OR universitários) AND

(desempenho acadêmico OR saúde mental OR riscos OR percepções OR ética)

Inglês (PubMed/DOAJ/Scholar):

(lisdexamfetamine OR lisdexamfetamine dimesylate) AND (nonmedical use OR misuse) AND (medical students OR university students) AND (academic performance OR mental health OR risks OR perceptions OR ethics)

Espanhol (LILACS/BVS quando pertinente):

(lisdexanfetamina) AND (uso no médico OR uso indevido) AND (estudantes de medicina) AND (rendimiento académico OR salud mental OR riesgos OR percepciones OR ética)

Filtros aplicados: texto completo disponível quando possível; estudos com população-alvo de estudantes de Medicina; foco explícito em uso não prescrito de lisdexanfetamina; inclusão de evidências empíricas e revisões sistemáticas/meta-análises pertinentes ao tema; exclusão de estudos sem recorte em estudantes ou sem menção ao fármaco.

Procedimento: exportação dos resultados, remoção de duplicatas, triagem por título e resumo, leitura integral dos textos elegíveis e extração padronizada das variáveis (população, exposição, desfechos avaliados, principais achados).

Critérios de Inclusão e Exclusão

Critérios de Inclusão:

Estudos publicados entre 2020 e 2025;

Artigos com texto completo disponível gratuitamente;

Publicações que abordem o uso de lisdexanfetamina entre estudantes universitários, especialmente de Medicina;

Critérios de Exclusão:

Estudos com enfoque exclusivo em metilfenidato ou outras substâncias sem menção ao dimesilato de lisdexanfetamina;

Artigos voltados apenas para o uso terapêutico em TDAH sem menção ao uso não prescrito;

Editorial, cartas ao editor, relatos de caso isolados e teses não publicadas em periódicos indexados.

Processo de Seleção e Extração de Dados

A seleção seguiu quatro etapas conforme o modelo PRISMA:

1. Identificação: foram encontrados 987 estudos ao todo nas bases consultadas.
2. Triagem: 412 estudos foram excluídos por duplicidade. Restaram 575.
3. Elegibilidade: 406 foram excluídos após leitura de título e resumo por não atenderem aos critérios temáticos. Restaram 169.
4. Inclusão: após leitura integral, 14 artigos foram incluídos na amostra final por apresentarem dados robustos, relevantes e específicos sobre o tema.

A extração dos dados foi realizada por meio de planilha estruturada, contendo: autor, ano, periódico, tipo de estudo, objetivo, população, resultados e principais conclusões.

Quadro 1 – Fluxograma PRISMA de Seleção dos Estudos

Etapa	Descrição	Quantidade
Identificação	Estudos encontrados nas bases de dados (SciELO, PubMed, LILACS, BVS, Google Scholar, DOAJ)	987
	Registros excluídos por duplicidade (após remoção automática e manual)	412
Triagem	Registros restantes após remoção de duplicatas	575
	Registros excluídos após leitura de títulos e resumos (inadequação temática ou de público-alvo)	406
Elegibilidade	Artigos lidos na íntegra para avaliação da elegibilidade	169
	Artigos excluídos após leitura completa (não atendem aos critérios de inclusão)	147
Inclusão	Artigos incluídos na amostra final da revisão integrativa	22

12

RESULTADOS

A análise dos 22 artigos selecionados para esta revisão integrativa permitiu compreender, com amplitude e profundidade, o fenômeno do uso não prescrito do dimesilato de lisdexanfetamina por estudantes de Medicina, abrangendo aspectos como prevalência, motivações, riscos à saúde e implicações éticas. A tabela a seguir compila o Corpus da Pesquisa, reunindo os principais dados de cada estudo: autor(es), ano, periódico, tipo de estudo, população, foco temático, principais achados e contribuições para a presente investigação.

TABELA 1 - ESTUDOS SOBRE O USO INDEVIDO E/OU NÃO PRESCRITO DE LISDEXANFETAMINA POR ESTUDANTES DE MEDICINA

Autor(es)	Periódico	Tipo de estudo	Amostra	Objetivo	Principais achados
Bernardi <i>et al.</i> , 2025	Acervo Científico	Estudo descritivo	Estudantes de Medicina (graduação)	Uso para melhora de desempenho	Uso justificado como “necessidade” para manter notas e foco prolongado.
Cerqueira <i>et al.</i> , 2021	Revista Ibero-Americana	Revisão integrativa	Universitários	Aperfeiçoamento cognitivo	Normalização do uso como prática de rendimento acadêmico.
De Azevedo <i>et al.</i> , 2023	Scientia Medica	Estudo transversal	Estudantes de Medicina	Qualidade do sono e nootrópicos	Associação entre uso e insônia, cansaço extremo e prejuízo cognitivo.
De Oliveira & Neto, 2024	BJHR	Revisão integrativa	Estudantes universitários	Medicamentos psicoestimulantes	Ausência de protocolos institucionais preventivos como fator de risco.
De Toledo Souza <i>et al.</i> , 2024	Revista Master	Estudo transversal	Estudantes de Medicina e de Direito	Consumo não prescrito	42,1% relataram uso sem prescrição; pressão acadêmica predominante.
Do Vale Lopes <i>et al.</i> , 2024	BJ Implantology & Health Sciences	Estudo observacional	Estudantes de Medicina	Qualidade de vida e uso de Venvanse	Exaustão, insônia e perda de apetite em usuários frequentes.
Hodgson <i>et al.</i> , 2022	Periódico não informado	Estudo qualitativo	Estudantes de Medicina	Narrativas de uso	Minimização dos riscos e valorização de ganhos cognitivos percebidos.
Luiz <i>et al.</i> , 2025	Observatório da Economia Latinoamericana	Revisão sistemática	Estudos com população universitária/saúde	Psicoestimulantes como potencializadores cognitivos	Uso sem orientação médica recorrente; desinformação sobre efeitos adversos.
Megiani <i>et al.</i> , 2023	RECISATEC	Estudo epidemiológico	Universitários	Drogas da inteligência	33,9% relataram uso; 90,2% eram estudantes de Medicina.
Minniti <i>et al.</i> , 2021	BJHR	Revisão sistemática	Estudos sobre Medicina/Universitários	Drogas psicoestimulantes	Tendência internacional de crescimento e ênfase em performance.
Moreira <i>et al.</i> , 2022	RSD	Estudo de campo	Estudantes de Medicina	Fatores influenciadores do uso	Influência de pares e alta carga de estudos como gatilhos principais.

Autor(es)	Periódico	Tipo de estudo	Amostra	Objetivo	Principais achados
Pereira <i>et al.</i> , 2022	BJD	Estudo quantitativo	Estudantes da área da saúde	Prevalência de consumo inadequado	Prevalência de 47,3%; pouco conhecimento sobre consequências.
Rouso <i>et al.</i> , 2024	Acervo Médico	Estudo descritivo	Estudantes de Medicina	Uso sem prescrição médica	Acesso facilitado entre pares; ausência de campanhas educativas.
Souza & Baiense, 2023	Revista Ibero-Americana	Estudo documental	Universitários	Psicoestimulantes e saúde mental	Associação com quadros de ansiedade e desequilíbrio emocional.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os dados demonstram que o uso não prescrito de lisdexanfetamina entre estudantes de Medicina é um fenômeno recorrente, crescente e subestimado pelas instituições de ensino. Em 18 dos 22 estudos analisados (81,8%), os estudantes de Medicina aparecem como o grupo mais envolvido no uso off-label de estimulantes, sendo a lisdexanfetamina frequentemente mencionada ao lado do metilfenidato como droga de escolha.

A prevalência de uso relatada nos estudos varia de 25% a 47%, com média aproximada de 36% entre os estudos empíricos quantitativos (Souza *et al.*, 2024; Pereira *et al.*, 2022; Megiani *et al.*, 2023). Os principais motivos citados para o consumo são a necessidade de prolongar a concentração, reduzir o cansaço e aumentar a resistência a rotinas de estudos excessivas (Bernardi *et al.*, 2025; Justino *et al.*, 2024).

Do ponto de vista dos riscos, os estudos empíricos apontaram baixa percepção de dano entre estudantes, apesar das associações recorrentes entre o uso e insônia, ansiedade, fadiga, possíveis sinais de dependência e queda de desempenho (De Azevedo *et al.*, 2023; Hodgson *et al.*, 2022; Megiani *et al.*, 2023). Em complemento, a literatura de síntese com recorte acadêmico discutiu implicações éticas do consumo para fins de rendimento, destacando tensões entre a formação científica e práticas de automedicação que banalizam riscos (De Oliveira & Neto, 2024).

Estudos recentes evidenciaram ainda falhas institucionais, como a ausência de políticas preventivas robustas, de campanhas educativas e de mecanismos de acolhimento psicológico para discentes sob alta pressão acadêmica; esse vácuo favorece a perpetuação do problema e a normalização do uso sem prescrição (ROUSSO *et al.*, 2024; De Oliveira & Neto, 2024).

DISCUSSÃO

O presente estudo revelou um panorama preocupante sobre o uso não prescrito do dimesilato de lisdexanfetamina entre estudantes de Medicina no Brasil. A análise dos 22 estudos selecionados evidenciou que essa prática não é isolada nem pontual, mas parte de uma dinâmica complexa que envolve fatores individuais, culturais, institucionais e éticos. A prevalência significativa, associada à baixa percepção de risco e à normalização do consumo entre pares, demonstra que o uso de psicoestimulantes extrapola o campo clínico e assume funções adaptativas em um ambiente universitário pautado pela alta competitividade e pela pressão constante por rendimento.

A motivação central do uso identificado nos estudos analisados é o enfrentamento das exigências acadêmicas excessivas. A necessidade de manter a concentração, reduzir o cansaço e prolongar o tempo de estudo transforma o medicamento, originalmente indicado para transtornos neuropsiquiátricos específicos, em um recurso artificial de desempenho. No entanto, o alívio momentâneo gerado por essa prática tem se mostrado ilusório, uma vez que os efeitos adversos à saúde física e mental se acumulam silenciosamente, agravando condições como ansiedade, distúrbios do sono e exaustão psíquica.

As instituições de ensino superior têm falhado em oferecer suporte adequado aos estudantes que enfrentam rotinas desumanas e expectativas irreais de desempenho. A ausência de programas de acolhimento psicológico, de campanhas educativas sobre o uso racional de medicamentos e de políticas claras sobre o uso de substâncias controladas contribui para a perpetuação do problema. O silêncio institucional legitima, mesmo que indiretamente, a medicalização da vida acadêmica, que se torna uma estratégia de sobrevivência em vez de exceção terapêutica.

Além disso, o uso da lisdexanfetamina sem prescrição por futuros médicos evidencia um paradoxo ético de grandes proporções. Ao mesmo tempo em que aprendem os fundamentos da farmacologia e os princípios da prescrição responsável, esses estudantes recorrem à automedicação com substâncias de controle especial. Tal contradição compromete não apenas a formação técnica, mas também a construção da identidade profissional comprometida com a saúde coletiva, a ética e a responsabilidade social.

Outro ponto crítico identificado foi a banalização da conduta. Em diversos relatos analisados, os estudantes não só minimizam os riscos como reproduzem discursos de

autoeficácia vinculados ao uso do medicamento. Essa lógica, sustentada por um ambiente que privilegia resultados em detrimento da saúde, reflete uma cultura acadêmica que precisa ser urgentemente revista. Não se trata apenas de combater a substância, mas de reestruturar o próprio modelo de formação médica, hoje orientado mais para o acúmulo de conteúdo do que para a saúde integral do discente.

Com base nesses achados, torna-se imperativa a adoção de estratégias de intervenção institucional que vão além da repressão ao uso indevido. É necessário criar espaços seguros de escuta e orientação, capacitar docentes para reconhecer sinais de exaustão psíquica, revisar práticas pedagógicas e, principalmente, construir uma cultura acadêmica que valorize o equilíbrio emocional, o cuidado consigo e a ética no processo de aprendizagem. O combate ao uso indevido de psicoestimulantes não será efetivo enquanto se negligenciarem os fatores estruturais que impulsionam essa conduta.

Assim, os resultados obtidos não apenas confirmam as hipóteses levantadas na introdução e justificam a relevância do estudo, como também indicam um padrão nacional preocupante, que demanda resposta institucional urgente e estratégias multidimensionais de enfrentamento.

Este trabalho não se encerra em si. Ao lançar luz sobre o fenômeno do uso indiscriminado da lisdexanfetamina por estudantes de Medicina, ele propõe um ponto de partida para novas investigações e ações transformadoras. Os dados apresentados devem servir como alerta para gestores educacionais, profissionais da saúde e formuladores de políticas públicas, para que juntos possam reconstruir os alicerces de uma formação médica humanizada, ética e saudável. O desafio é grande, mas a urgência é ainda maior.

CONCLUSÃO

A investigação retomou a pergunta formulada no modelo PEO; (P) estudantes de Medicina; (E) uso não prescrito de dimesilato de lisdexanfetamina; (O) motivações, riscos, percepções, implicações éticas e efeitos sobre saúde e desempenho; e permitiu respondê-la de modo integrado, com base exclusiva nas evidências coletadas.

Em primeiro lugar, confirmou-se que o uso não prescrito do fármaco, ainda que heterogêneo entre cursos e contextos, existe e é relevante no ambiente acadêmico médico. A motivação predominante foi incrementar foco, atenção e produtividade, frequentemente associada a pressão por desempenho, competitividade e sobrecarga de estudos. A influência de

pares e a facilidade de obtenção por canais informais ou pouco fiscalizados figuraram como facilitadores adicionais. Do ponto de vista subjetivo, emergiu a crença de que o medicamento proporciona “vantagem” cognitiva e ganhos rápidos, ao lado de uma minimização dos riscos percebidos.

Quanto aos efeitos e riscos, a síntese dos estudos apontou um núcleo consistente de desfechos: alterações de sono, fadiga persistente, ansiedade/irritabilidade, redução de apetite e piora do rendimento quando o uso é crônico ou desorganizado. Em parte dos relatos, observaram-se sinais compatíveis com uso problemático, o que acende alerta para potencial de dependência ou de escalada de consumo em situações de estresse acadêmico. Ainda que muitos estudantes reportem ganhos imediatos, esses efeitos tendem a ser instáveis e funcionalmente custosos, sobretudo quando se convertem em estratégias habituais de estudo.

No plano das percepções e da ética, o uso para “melhora de desempenho” tensiona princípios formativos da profissão: idoneidade, segurança do paciente e autocuidado responsável. A normalização do consumo sem prescrição enfraquece a coerência entre a formação científica e a prática cotidiana, colocando em risco a credibilidade profissional futura. É um paradoxo formativo: quem deveria dominar o uso racional de medicamentos passa a reproduzir automedicação como atalho, deslocando a reflexão clínica por uma solução imediatista.

O exame do contexto institucional revelou lacunas: políticas preventivas fragmentadas ou ausentes; campanhas educativas pontuais; acolhimento psicológico insuficiente; e pouca integração entre coordenações de curso, ligas acadêmicas, serviços-escola e instâncias de apoio estudantil. Esse vazio de governança facilita a banalização do uso, sustenta narrativas de excepcionalidade (“é só na prova”, “é só na residência”) e reduz o espaço para alternativas pedagógicas de gestão de tempo, sono e estudo.

A partir desse conjunto, a pergunta PEO foi respondida nos seguintes termos:

1. Motivações; maximização de foco e produtividade sob pressão acadêmica, reforçadas por pares e por acesso pouco controlado;
2. Riscos/efeitos; alterações neurocomportamentais e somáticas com impacto sobre sono, humor, apetite e, no médio prazo, sobre o próprio desempenho acadêmico;
3. Percepções; valorização de ganhos imediatos e subestimação de danos, com racionalizações que sustentam a continuidade do uso;
4. Implicações éticas; dissonância entre formação científica e prática de

automedicação, com potenciais repercussões para a identidade e a responsabilidade profissionais.

Do ponto de vista operacional, derivam-se recomendações factíveis:

Política institucional clara sobre uso não médico de psicoestimulantes, com diretrizes, fluxos de encaminhamento e responsabilização proporcionais;

Programa contínuo de educação em farmacologia clínica aplicada ao cotidiano do estudante, incluindo risco-benefício, alternativas não farmacológicas e manejo de sono/ansiedade;

Acesso estruturado a saúde mental e suporte psicopedagógico, com triagem ativa em períodos críticos do calendário acadêmico;

Ações de ambiente (currículo, carga horária, avaliação) que reduzam gatilhos de consumo, privilegiando metodologias de estudo sustentáveis;

Articulação externa com farmácias/serviços para aprimorar a conformidade com exigências de prescrição e coibir disponibilização indevida.

Como limitações, reconhece-se a dependência de dados documentais e a variabilidade metodológica entre estudos. Ainda assim, a convergência dos achados foi suficiente para sustentar conclusões práticas e consistentes com o objetivo do trabalho.

18

A pesquisa demonstrou que o uso não prescrito de dimesilato de lisdexanfetamina entre estudantes de Medicina é um fenômeno multifatorial, que combina demandas acadêmicas, crenças de atalho cognitivo e fragilidades institucionais. A resposta efetiva exige integração de políticas, educação permanente e suporte em saúde mental, de modo a substituir estratégias farmacológicas precárias por rotas de desempenho sustentáveis.

Essa agenda é compatível com a formação que se espera de futuros profissionais de saúde e com a responsabilidade que lhes será exigida na prática clínica.

REFERÊNCIAS

TEODORO, Júlia Henrique Ferreira *et al.* O uso de metilfenidato e dimesilato de lisdexanfetamina por estudantes universitários de medicina: uma revisão da literatura. **Revista Remecs-Revista Multidisciplinar de Estudos Científicos em Saúde**, p. 44-44, 2023.

FRAZÃO, Lara Marinho; RODRÍGUEZ, Sara Viera. Uso inadequado de psicoestimulantes por estudantes de medicina e profissionais médicos: metilfenidato e dimesilato de lisdexanfetamina. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 7, n. 10, p. e75742-e75742, 2024.

DE TOLEDO SOUZA, Ana Carolina *et al.* Consumo não prescrito de Metilfenidato e

Lisdexanfetamina pelos estudantes dos cursos de medicina e direito de um Centro Universitário. **Revista Master-Ensino, Pesquisa E Extensão**, v. 9, n. 17, 2024.

DO VALE LOPES, Janaína *et al.* Metilfenidato e Venvanse: o impacto na qualidade de vida dos estudantes de Medicina. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 6, n. 8, p. 1891-1906, 2024.

ROUSSO, Isabella Rodrigues *et al.* O uso sem prescrição médica de Metilfenidato e Lisdexanfetamina por estudantes de Medicina. **Revista Eletrônica Acervo Médico**, v. 24, p. e15977-e15977, 2024.

MINNITI, Giulia *et al.* O consumo de drogas psicoestimulantes entre estudantes de medicina The consumption of psychostimulating drugs among medicine students. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 4, p. 17912-17921, 2021.

CERQUEIRA, Nadinni Silva Vilas Boas; DO CARMO ALMEIDA, Bruna; JUNIOR, Raineldes Avelino Cruz. Uso indiscriminado de metilfenidato e lisdexanfetamina por estudantes universitários para aperfeiçoamento cognitivo. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 7, n. 10, p. 3085-3095, 2021.

MACIEL, Fernanda Duarte *et al.* Segurança e eficácia do dimesilato de lisdexanfetamina em transtorno de déficit de atenção e hiperatividade: uma revisão literária. **Research, Society and Development**, v. 12, n. 2, p. e28412240259-e28412240259, 2023.

DE AZEVEDO, Dênia Alves *et al.* Associação entre o uso não prescrito de nootrópicos e qualidade do sono em estudantes de medicina. **Scientia Medica**, v. 33, n. 1, p. e43759-e43759, 2023.

MOREIRA, Stephanny Carolinne *et al.* O uso do cloridrato de metilfenidato e seus fatores influenciadores na vida de jovens estudantes do curso de Medicina. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 7, p. e9911729715-e9911729715, 2022.

BERNARDI, Isadora Pescador *et al.* Uso de medicamentos para melhora de desempenho acadêmico por estudantes de medicina. **Revista Eletrônica Acervo Científico**, v. 25, p. e19973-e19973, 2025.

LUIZ, Cristiane Aleixo Simões *et al.* Uso de substâncias psicoestimulantes como potencializadores cognitivos por estudantes da área da saúde: uma revisão sistemática. **OBSERVATÓRIO DE LA ECONOMÍA LATINOAMERICANA**, v. 23, n. 4, p. e9469-e9469, 2025.

JUSTINO, Nathalia Ferreira *et al.* O uso indiscriminado de medicamentos para o aumento do desempenho acadêmico entre os estudantes de medicina: uma revisão de literatura. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, v. 16, n. 12 Edição Especial, p. e6466-e6466, 2024.

DE OLIVIERA ARAÚJO, Samira; DOS SANTOS, Viviane Marinho. Uso de Lisdexanfetamina para Melhoria Cognitiva: Implicações Éticas e Consequências para Estudantes Universitários. **COGNITIONIS Scientific Journal**, v. 7, n. 2, p. e555-e555, 2024.

HODGSON, Aryane Gonçalves Dias *et al.* **Estudantes de medicina e medicamentos:**

melhoramentos e outros usos. 2022.

SOUZA, Eduardo Oliveira Neves; BAIENSE, Alex Sandro Rodrigues. Uso indiscriminado de psicoestimulantes para estudantes universitários. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 9, n. 9, p. 3442-3457, 2023.

MEGIANI, Isabela Nishimura *et al.* ESTUDO EPIDEMIOLÓGICO SOBRE O USO ABUSIVO DAS DROGAS DA INTELIGÊNCIA POR UNIVERSITÁRIOS. PERIGO PARA SAÚDE FÍSICA E MENTAL?. **RECISATEC-REVISTA CIENTÍFICA SAÚDE E TECNOLOGIA-ISSN 2763-8405**, v. 3, n. 12, p. e312323-e312323, 2023.

ROQUE, Vitor *et al.* O ABUSO DE SUBSTÂNCIAS ENTRE UNIVERSITÁRIOS E SUA RELAÇÃO COM A SAÚDE MENTAL: UMA REVISÃO DE LITERATURA. **ANAIS DO FÓRUM DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DO UNIFUNEC**, v. 14, n. 14, 2023.

DOS SANTOS, Maria Eduarda BARROS VILAR *et al.* Uso de metilfenidato e lisdexanfetamina por universitários da área da saúde: uma revisão bibliográfica. **Revista Corpus Hippocraticum**, v. 2, n. 1, 2022.

PEREIRA, Augusto Eleutério *et al.* Elevada prevalência de consumo inadequado de psicoestimulantes por universitários da área da saúde High prevalence of inadequate psychostimulants use among students from health area. **Brazilian Journal of Development**, v. 8, n. 4, p. 26623-26639, 2022.

DE OLIVEIRA, Maria Clara Trettel; NETO, Armante Campos Guimarães. Uso indiscriminado de medicamentos psicoestimulantes em estudantes. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 7, n. 1, p. 1440-1459, 2024. 20

RODRIGUES, Scarlett Gomes Breves; DE SOUSA, Maria Fernanda Rodrigues; DIAS, Adriana Keila. O CÉREBRO SOB PRESSÃO E AS PÍLULAS DA INTELIGÊNCIA: USO DE DROGAS E MEDICAMENTOS PARA AUMENTO DO DESEMPENHO ACADÊMICO. **Revista Saúde Dos Vales**, v. 2, n. 2, p. 1-18, 2025.